

Alberto Tôrres e a Transplantação no Brasil

JOSÉ ALÍPIO GOULART

I PARTE

O Serviço de Documentação do D.A.S.P. se tem preocupado com maior intensidade em trazer à luz publicações que versam questões de administração geral.

Não só na "Revista do Serviço Público", como noutras publicações que têm surgido sob o patrocínio deste Serviço, as questões ventiladas — salvo algumas exceções — giram em torno de peculiaridades das diversas técnicas que compõem a ciência da administração.

Com a publicação do presente trabalho, estamos em caminho mais amplo do ponto de vista apreciativo, qual seja o de vincular o pensamento dos homens que se dedicaram ao estudo dos problemas nacionais à realidade brasileira.

Sem dúvida alguma, Alberto Tôrres sagrou-se um dos nossos maiores pensadores, pela obje-

tividade e autenticidade que emprestou às suas idéias ao tratar os problemas de ordem política que se antepunham e ainda se antepõem aos nossos estadistas, publicistas, juristas, administradores etc., o que fez com que essas idéias se encontrem na mais absoluta atualidade.

O tema escolhido pelo autor do presente trabalho, o da transplantação, foi um dos mais apaixonantes para Alberto Tôrres que, sobre ele, expendeu opiniões valiosíssimas, não só quanto ao aspecto político como o administrativo propriamente dito.

Dada a significação que o presente estudo representará para aquêles que se interessam pelas nossas questões de política e administração, a "R.S.P." tomou a seu encargo a publicação do mesmo.

À GUIZA DE PREFÁCIO

E' INEGÁVEL que desde algum tempo se vem verificando, entre as nossas elites pensantes, um movimento de verdadeiro redescobrimento do Brasil. E' um movimento novo, porque dirigido no sentido da autenticidade das nossas coisas. E' um movimento que tem por finalidade um maior e mais perfeito conhecimento da terra, do clima, da economia, dos "folkways", dos "mores", da história, da cultura brasileiros. Ninguém que se preocupe com o futuro deste país, pode ficar alheio a êsse esforço visível de recuperação nacional, que se processa através da mobilização de tôdas as nossas reservas quer de ordem econômica, política ou social.

Trata-se de um trabalho que requer a colaboração de todos, por menor que seja a parcela dessa colaboração. Quanto maior fôr a equipe em ação, tão mais depressa se processará a dinâmica do processo evolutivo que indubitavelmente se vem desencadeando dentro das fronteiras do Brasil.

Parece-nos que uma das contribuições mais valiosas que pode ser prestada está, justamente, na revivência dos pensamentos de alguns dos homens que se preocuparam honesta e sinceramente com os problemas que afligem a nação e o povo

brasileiros. Basta tomar um aspecto, um tema, qualquer que seja, da obra erigida, por êsses homens, para se ter material dos mais preciosos à concretização do trabalho que ora se pretende realizar.

Na impossibilidade, no momento, de extrair do legado intelectual dos nossos mais festejados pensadores, seus pensamentos ligados ao tema da transplantação com relação ao nosso país — o que pretendemos fazer de futuro — elegemos a Alberto Tôrres, por ter sido, na opinião de muitos, um dos elos mais robustos da corrente sociológica autenticamente brasileira, formada por homens como êle, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Sílvia Romerô, Pandiá Calógeras e Oliveira Viana.

Não há dúvida que as idéias do homem que aqui focalizamos sempre mereceram, em determinados pontos, algumas restrições; mas, é sabido que o desenrolar do processo histórico é quem vai determinando as mutações que se verificam na mente humana. Daí, talvez que hoje em dia aquelas restrições sejam bem maiores.

A excelência, porém, das idéias por êle expendidas, não pode deixar de calar fundo no processo de formação das novas elites pensantes do Brasil, pois, em todos os problemas que aí estão a desafiar a inteligência e a argúcia dos nossos homens

públicos, Alberto Tôres deixou a marca de sua preocupação.

Extraímos de sua obra o tema relativo à "transplantação" porque, em todos os nossos movimentos de reforma, há sempre uma parcela considerável de idéias estrangeiras que, implantadas, acabam por provocar os resultados negativos que êsses empreendimentos quase sempre têm apresentado.

O que se está verificando é um esforço intenso no sentido de que o Brasil se encontre a si mesmo; e êste objetivo será por certo alcançado, e até com relativa brevidade, porque a conjuntura econômica, social e política do Ocidente vem concorrendo de forma significativa, como força propulsora, na aceleração do movimento a que aludimos.

Dada a finalidade do presente trabalho, não poderíamos deixar de transcrever, no decorrer do mesmo, vários trechos dos estudos realizados por Alberto Tôres; entretanto, procuramos dar um certo sentido a essas transcrições, situando-as, sempre, precisamente dentro do assunto que tenha provocado a manifestação do autor.

Não nos preocupamos com questões de estilo, nem de frases bem arrumadas, uma vez que não tivemos intuito de fazer literatura. Também não fomos motivado pelo desejo de nenhum sucesso do ponto de vista intelectual. Nossa pretensão é das mais simples e humildes: consiste em que o presente trabalho possa contribuir de alguma forma na obra de reestruturação do pensamento nacional; não pelo que dito trabalho contém do seu autor; mas, pelo que revive daquele que o inspirou.

SUMÁRIO DO CAPÍTULO I — *Os homens de alta visão e compreensão dos problemas de seu tempo. — Posição dos mesmos na história. — A presença de tais homens no Brasil. — Um grande pensador político. — A coragem e as revelações contidas em sua obra. — A persistência no erro e a atitude a ser tomada. — A obra de Alberto Tôres fonte de temas para estudos. — O equilíbrio intelectual e patriótico de Alberto Tôres. — A exogenia, um dos aspectos fundamentais de sua obra. — A inspiração para o presente trabalho.*

CAPÍTULO I

ALBERTO TÔRES E A TRANSPLANTAÇÃO NO BRASIL

Há homens que de tal forma penetram no conhecimento e na logicidade dos problemas com que se deparam e os analisam e indicam-lhes as conseqüências que, passados anos, seus pensamentos se mantêm com a mesma força, na mais completa oportunidade. Essa penetração dos fatos por inteligências formadas e desenvolvidas na análise e na observação dos fatores gerais, aos quais se condiciona a vida de um povo, o destino de uma nação, fazem de tais homens baluartes de suas nacionalidades, que a tradição acaba por incorporar ao patrimônio histórico das idéias. São

os marcos do caminho a seguir: setas luminosas que indicam o rumo certo a povos perdidos na escuridão dos tempos, sem formação, sem consciência, sem ideal...

Foram poucos, no Brasil, os homens dessa estirpe. Raros. Dessa raridade que cerca as coisas verdadeiramente valiosas. Viveram sempre fustigados pela inclemência desses outros, dos comuns, que não enxergam além dos limites restritos de suas vidas e a tais limites querem submeter os destinos de sua pátria.

Dentre êsses homens raros destacamos um, cuja obra aí está, estuante de oportunidade; e, de sua obra, repleta de conceitos que primam pela sinceridade e pela honestidade com que foram emitidos, escolhemos um aspecto, dos mais constantes, para servir de tema a êste desprezioso trabalho: trata-se de Alberto Tôres e de seus pensamentos com relação ao problema da transplantação no Brasil.

Alberto Seixas Martins Tôres foi, indiscutivelmente, além de grande sociólogo, um dos mais profundos pensadores políticos do Brasil. Se hoje lhe reconhecemos essas qualidades êle, ao seu tempo, com a dignidade e modéstia naturais de todo homem de alto teor espiritual, elegia a Joaquim Nabuco, (1) outro gigante do pensamento político nacional, como sendo a mais alta expressão da intelectualidade brasileira.

Alberto Tôres tornou-se digno da admiração e do respeito dos que o procederam, não só pela sua grandeza intelectual como devido ao alto senso cívico de que era portador; colocava a Pátria acima dos seus mais agudos interesses, inclusive da própria vida, que deu em holocausto aos ideais, na luta da inteligência contra a mediocridade.

Ninguém poderia exprimir de maneira mais eloqüente os sofrimentos daquela alma dedicada ao Brasil do que um dos seus discípulos, talvez o maior, que posteriormente se veio a tornar tão grande quanto o mestre: Oliveira Viana.

Ao prefaciар o livro "As Idéias de Alberto Tôres", de Alcides Gentil, escreveu OLIVEIRA VIANA o seguinte:

"A cada golpe vibrado contra as leis, o direito, os interesses nacionais pelos políticos desalmados que governavam (ou desgovernavam) o país, eu o via sofrer não apenas moralmente, mas mesmo fisicamente, agitar-se, exaltar-se, indignar-se, ou cair em estado de desânimo irritado, que lhe ia abalando, aos poucos, a saúde e acabou arrebatando-lhe a vida."

Alberto Tôres morreu em 1917, relativamente moço, com 52 anos de idade; se não fisicamente moço, jovem, muito jovem de espírito. Foi melhor assim. Vivesse êle mais anos e seus sofrimentos seriam cada vez maiores... Não teria encontrado adeptos para estruturar o Brasil, "par en haut", como equivocadamente pretendia; ao contrário, iria apreciar, melancolicamente, uma periferia passiva desordenada e amorfa a receber, constantemente, as influências mais nefastas e de-

(1) *A Organização Nacional* — Ed. 1933.

sagregadoras irradiadas de um centro ativo desconexo e desajustado.

Em sua obra, a par da coragem que demonstrou possuir, combatendo de maneira enérgica e desassomburada as irreverências praticadas pelos políticos de sua época, revelou a visão de quem ultrapassa o seu tempo e pode lóbrigar, na nebulosidade do futuro, as conseqüências das diretrizes que vão sendo traçadas. Teve essa atitude que Ingenieros atribui exclusivamente aos gênios: previu o amanhã.

O que se fazia, infelizmente, só permitiu a Alberto Tôrres vaticinar resultados pouco satisfatórios; e não podemos chamá-lo Cassandra, porque as suas previsões se vêm realizando, no tempo e no espaço.

Mau grado seus gritos de alerta, e de outros que em consonância se alevantaram; apesar dos fatos terem confirmado tais predições, continuaram os nossos homens públicos a errar, a fazer ouvido mouco, já então deliberadamente.

Se existe, como é indiscutível, o esboço de um movimento renovador de idéias no que concerne à organização política, econômica e social do Brasil, com abandono da posição consular em que sempre nos colocamos, tal movimento, imbuído de caráter mais consciencioso na apreciação de nossas idiossincrasias e peculiaridades próprias, ainda está restrito a um pequeno núcleo de pensadores, de homens de inteligência, isolados e inproveitados. Certa feita alguém perguntou qual era a posição política de Machado de Assis, no Brasil?!... Isto explica tudo... Disse CALÓGERAS que certos atos praticados no Brasil deixavam de ser criminosos por serem inconscientes; porém, depois dos conselhos, dos avisos, das admoestações daqueles que se preocuparam honesta e sinceramente com os problemas vitais de nosso país, tais atos, quando repetidos, passam a ser crime por serem praticados conscientemente.

E' preciso, pois, que diante dêles tenhamos a mesma coragem de Euclides diante de Canudos: "denunciemo-los".

"O espírito humano — diz ALBERTO TÔRRES — não aprendeu ainda a aproveitar as lições da História. E' singular a leveza com que a imaginação e a inteligência do homem repetem os mesmos erros, as mesmas eternas causas de seus males e sofrimentos, esquecendo e perdendo os ensinamentos que os permitiriam evitar." (2)

Há, na obra de Alberto Tôrres, vários aspectos que podem ser tomados, a todo momento, como tema de trabalho visando abordar qualquer um dos problemas que sempre entravaram o progresso e o desenvolvimento do Brasil como nação, e de seus filhos como povo. Tôrres foi um dos poucos homens que sentiu a problemática nacional e soube apontar, uma a uma, as nossas deficiências; todavia, é mister salientar a absoluta ausência nos seus pronunciamentos, dos influxos

pessimistas oriundos do naturalismo francês e português, que, em determinada época, acirrou a severidade dos nossos escritores, fazendo com que nêles as frases cétricas das literaturas estrangeiras tomassem máscaras de juízos sôbre as nossas coisas. (3) Tôrres foi sincero, foi leal e sobretudo honesto, ao apontar as falhas constantes de nossa estruturação política, social e econômica. Viu o Brasil com olhos de brasileiro. Interpretou a realidade nacional com senso e inteligência de brasileiro.

Um dos aspectos mais constantes de sua obra é a importância que êle atribui à transplantação no desenvolvimento da formação e da organização nacionais. Esse problema é denunciado em todo o decorrer de suas manifestações. E, como tal problema persiste, atual, na maneira de se conduzir as coisas nossas, pareceu-nos, que, focalizar o pensamento e as opiniões de Alberto Tôrres a respeito do cacoete que nos é tão peculiar, seria contribuir, de algum modo, para o movimento que se esboça e a que já nos referimos antes: de atenção mais acurada para com os nossos padrões de cultura; para com a heterogeneidade que se manifesta nas nossas peculiaridades culturais, territoriais e climáticas, ao se tentar oferecer soluções para as nossas deficiências.

SUMÁRIO DO CAPÍTULO II — A ação social das metrópoles e dos colonizadores das nações surgidas por descobrimento. — O receio do desenvolvimento social das colônias. — O comportamento das colônias após a libertação. — A impassibilidade dos nossos homens públicos após a emancipação. — As causas das nossas crises e da nossa solução social. — A persistência no sistema simplista de transplantações. — A implantação do mecanismo político-administrativo da metrópole. — O complexo da aparência. — A sujeição dos nossos homens de elite às nações poderosas. — A nossa força civilizadora e os nossos erros. — A prevalência dos feudos argentários. — A mania das reformas. — O exemplo inglês.

CAPÍTULO II

A OPINIÃO DE ALBERTO TÔRRES SÔBRE O ASPECTO GERAL DA TRANSPLANTAÇÃO NO BRASIL

Inicia Alberto Tôrres os seus pensamentos sôbre a transplantação no Brasil, com uma visão panorâmica, para, depois, situá-los, especificamente, em cada um dos campos que compõem a contextura orgânica do complexo nacional. Diz êle :

"As nações surgidas por descobrimento e formadas por colonização são improvisos sociais do acaso, ou de fatos excepcionais do progresso. Se fôsse possível conceber que os governos metropolitanos ou as camadas colonizadoras transplantassem para suas novas possessões a estrutura e organização das metrópoles, poder-se-ia, tam-

(2) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. XXIV — Ed. 1914.

(3) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 16 — Ed. 1914.

bém, admitir que as colônias teriam prolongado sobre os novos territórios o organismo das sociedades metropolitanas integradas; nem tal, porém, se dá, nem, ainda, seria de supor o que, aliás, não seria bastante — que as forças ativas na manipulação das novas sociedades: governo das metrópoles, seus delegados e colonos, tivessem agido sobre esses meios, obedecendo aos mesmos estímulos que lhe impeliavam os passos, na vida ordinária sobre o solo natal.”

Mostra-nos Tôrres que as nações colonizadoras não se preocupam em transplantar para suas possessões as estruturas e organizações próprias, naturalmente no pressuposto de que, se assim o fizerem, trarão às colônias a possibilidade de ascender ao mesmo “status” de desenvolvimento e progresso nelas existentes; e, conseqüentemente, terão que sofrer, em seguida, o impacto dessas mesmas colônias, em busca de suas independências, corolário natural da situação propiciada pelas nações dominadoras. Esse fenômeno se tem verificado com mais precisão, após os períodos de guerra, quando as nações dominadoras, envolvidas no conflito, são obrigadas a recorrer às colônias, material e politicamente. A semente de nossa emancipação foi plantada, no dia em que D. João VI pisou em terras do Brasil.

Tampouco é de se esperar que elementos oriundos dos centros colonizadores, tenham a preocupação de implantar nas colônias, matrizes de organizações duradouras, ou mesmo que procurem agir sob o império da legalidade e em sentido progressista, uma vez que a finalidade que os orienta é sempre a de explorar território e povo conquistados. Essa a conduta natural de toda nação colonizadora. Isso o que se verificou no Brasil.

O que Alberto Tôrres salientou, é que um povo colonizado, depois de liberto não deve dormir sobre os pródromos que lhe tenham sido impostos pelo colonizador, sob pena de anquilosar-se e de iniciar erradamente a formação de sua nacionalidade. Diz êle :

“Não há uma só instituição no Brasil, como também, provavelmente, em quase todas, senão em todas, as outras repúblicas sul-americanas, assente sobre bases próprias, para um crescimento evolutivo regular.” (4)

Nesse particular, com relação ao Brasil, há certos fatos históricos que de muito concorreram para que a transplantação se desenvolvesse sobre bases sólidas, resultando daí a estratificação de certos princípios no desenvolvimento do pensamento nacional. Dois fatos são sumamente importantes: o domínio holandês no Recife, o primeiro; a trasladação da corte portuguesa, o segundo. Devido a esses dois acontecimentos, o Brasil recebeu um influxo de idéias e instituições exógenas que não poderia ser neutralizado de um momento para outro. E vimos que apesar de libertos; mesmo depois de entrados na república, continuamos a manter, como se fôra uma tradição, o velho sistema de transplantação.

Nunca houve no Brasil, seja a partir do segundo império, ou mesmo na república, e até bem

pouco tempo — e isto é o que se critica — um movimento de reação capaz de estabelecer o primado de nossos complexos, de nossas exigências naturais, vale dizer, de nosso direito público costumeiro, no ato de adoção de idéias alheias, e nem tampouco um trabalho preliminar de adaptação. Daí,

“têrmos vivido a pretender executar, sobre êste solo único, um repertório de teorias exóticas.” (5)

Estas teorias, incapazes de fornecer diretrizes que pudessem guiar a formação da nação brasileira em sentido mais autêntico, tornaram-se, pelo contrário, causa de nossas crises e do nosso endêmico estado de dissolução social.

“Estas causas podem ser resumidas em poucas linhas; as idéias em que se baseiam os estudos sociais e políticos até hoje feitos sobre a nossa vida, partem de postulados e dados analíticos ou sintéticos, inferidos da vida e da evolução de povos de existência multissecular, e de seu progressivo desenvolvimento em regiões densamente povoadas, sob ação de fatores ordinários de formação e desenvolvimento das velhas sociedades e civilizações.” (6)

Esta tem sido, de fato, a orientação seguida pelos nossos homens de estado, no trabalho de formar o Brasil como nação: a preocupação da exogenia, cingida ao sistema simplista, para não dizer obtuso, de querer transformar um recém-nascido em adulto como por passe de mágica. A atitude mais comum aos nossos centros de irradiação, tem sido a de voltar as costas às realidades que nos cercam, que eclodem em derredor de nós; e todo nosso esforço é dirigido no sentido de “plantar sementes importadas” ao invés de produzirmos nossas próprias sementes; de “importar e cultivar frutos alheios, abandonando os frutos do nosso clima.” (7)

Alberto Tôrres deixa antever, constantemente, a sua revolta contra a direção tomada pelas idéias dos nossos homens de governo. Tôrres classifica o povo brasileiro como o mais inteligente e sensato do mundo — o que João Ribeiro chama de “mentira patriótica, boçal e estúpida”; (8) todavia, lamenta que por uma série de acasos da História, esse mesmo povo fôsse “orientado sobre o oceano infinito das idéias, por uma das mais bizarras direções de que há exemplo.” E, como conseqüência da ausência de interesse ligado ao estudo e análise de suas condições naturais, de suas idiosincrasias,

“êste país novo teve por sorte realizar, por efeito do contraste entre a evolução do pensamento que lhe serviu de modelo e a da sua vida e de seus problemas, uma história de conflitos entre as idéias decadentes que ia recebendo e os impulsos de uma terra e de uma gente que tendiam a crescer.” (9)

(5) Idem — pág. 41.

(6) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. XXI — Ed. 1914.

(7) Idem.

(8) *Ibidem* — pág. 54.

(9) *História do Brasil* — JOÃO RIBEIRO — página 331 — 14ª Ed. 1953.

(4) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 28 Ed. 1914.

Por força desse conflito de idéias de que nos fala Tôrres, patente em todo o decorrer do nosso desenvolvimento político, econômico e social, é que o Brasil, mau grado o impulso de uma terra e de uma gente que tende a crescer persiste, ainda hoje, em estado de subdesenvolvimento.

"Ao convite de trabalho que a natureza nos dirigia e ao brado de animação e de coragem, que ela reclamava, nós respondemos, instalando, no grandioso e no intermínio da nossa superfície, a civilização em miniatura das instituições portuguesas e a voluptuosidade preguiçosa, ou a rebeldia exaltada, das letras francesas, em estado de ebulição, de reforma e de dúvida." (10)

Enquanto a vastidão do nosso território requeria e requer um sistema de civilização em consonância com a sua grandiosidade, com a distribuição de suas populações e com o uso bem orientado de suas fontes de economia, os homens responsáveis pela instalação dos mecanismos capazes de atender a esses reclamos, deixavam-se repouso no funcionamento de instituições mesquinhas e se perdiam no abstracionismo de idéias estrangeiras. Não se pode, entretanto, deixar de ver na conduta desses homens, a herança que lhes foi legada pela corte portuguesa, ao trazer para o Brasil, quando de sua transferência, todo um complicado embora que bisonho mecanismo administrativo. Vejamos o que diz o visconde de Pôrto Seguro sobre a trasladação a que nos referimos:

"parece ter-se começado por consultar o Almanaque de Lisboa e à vista dele ter-se proposto o marquês de Aguiar a satisfazer a grande comissão que o príncipe lhe delegara, transplantando para o Brasil, com seus próprios nomes e empregos (para não falar de vícios e abusos) tôdas as instituições que lá havia, as quais se reduziam a muitas juntas e tribunais que mais serviam de peias do que de auxílio à administração." (11)

Aí está, como se instalou aqui, a civilização em miniatura das instituições portuguesas, isto sem falar nas que eram consignadas nas cartas de doações e forais e nos regimentos dos governadores-gerais, e ouvidores e provedores, que aqui estiveram anteriormente.

Dessa forma, ao invés de se organizar a nossa civilização e o nosso desenvolvimento em bases sólidas, nos desviamos para o ficticiosismo das aparências, por força da própria conjuntura dos acontecimentos;

"e, sendo a noção desenhada nos cérebros pelas idéias de civilização e de progresso, e dos aspectos visuais e das emoções dos grandes centros de agitação e de luxo, os estímulos que aqui se apresentam, como modelos e como exemplos, são os das aparências mais superficiais da vida cotidiana dos povos adiantados." (12)

Sem dúvida alguma, esse é um dos pensamentos de Tôrres que mais se pode enquadrar na vida brasileira. Essa atitude de exibicionismo tem sido uma peculiaridade das mais comuns na per-

sonalidade dos nossos homens públicos, das nossas elites sociais. É um cacoete antigo do qual ainda não nos conseguimos libertar. Vivemos na preocupação da obra de fachada, "para inglês ver", como disse Gilberto Freyre, corolário das impressões visuais colhidas nos países civilizados, pelos nossos governantes. Quanto às elites sociais, mal formadas, sem tradições, sem padrões de cultura acimentados pelo perpassar dos séculos, deixam-se prender pelas emoções dos grandes centros de agitação e de luxo, a que fortunas rapidamente ajuntadas lhes permitem viver. Seguimos os passos dos nossos primeiros colonizadores, que transplantaram para as casas grandes dos engenhos de açúcar e das fazendas de criação, perdidos na vastidão de uma terra por explorar, os requintes de luxo e de ostentação da corte donde provinham.

Alberto Tôrres não perdoa os que se debruçam para fora do Brasil e ficam de olhos pregados em terras alheias; diz êle:

"os letrados, os homens de imprensa, os profissionais diplomados, os políticos, os governantes — órgãos de um pensamento literário e científico, importado, e sem adaptação, e advogados dos interesses dos que conseguem fazer-se ouvir, gozando de prestígio social e dispoendo, em suma, dos instrumentos de publicidade, — fazem a obra nefasta do parasitismo, sobre a planta robusta da exploração colonial." (13)

Senão de todo, pelo menos em grande parte o panorama descrito por Alberto Tôrres se conserva o mesmo. Aquêles que poderiam orientar a opinião pública para um senso mais consentâneo das necessidades nacionais; os que têm por obrigação indicar quais os caminhos mais acertados para reforçar o processamento de uma infra-estrutura capaz de suportar um dinamismo evolutivo real, quedam-se na defesa de interesses alheios, numa atitude impatriótica insuportável.

Talvez seja desnecessário dizer aqui que a infra-estrutura de uma nação, de uma sociedade, não é obra que se possa edificar de um momento para outro; todavia, os ingredientes naturais que entram na composição do processo de formação das nações surgidas por descobrimento, têm que ser examinados e se possível medidos, por aquêles que saibam extrair do processo histórico das civilizações antigas, as formas orientadoras do centripetismo necessário a uma boa formação daquelas.

As nações novas têm que percorrer em pouco tempo, diríamos melhor, têm que alcançar com brevidade o mesmo "status" de civilização que as nações antigas levaram milênios para alcançar. É um imperativo das forças econômicas sociais em eclosão, impulsionadas pela tecnologia moderna, que aproxima cada vez mais os povos, fazendo-os compreender a necessidade de se libertarem e de progredirem.

O que compete aos homens de inteligência e de visão, é perscrutar no âmago dessas nações qual a mola capaz de melhor impulsionar o seu próprio mecanismo de progresso e fazê-la funcio-

(10) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 55 — Ed. 1914.

(11) *História Administrativa do Brasil* — MAX FLEIUSS — pág. 70 — 2.^a Ed.

(12) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 110, Ed. 1914.

(13) *Idem* — pág. 108.

nar. No Brasil, por exemplo, desde que se organizem as nossas fontes de economia, o surto de progresso que invadirá o país será talvez sem precedentes na história das outras nações.

Há bem pouco tempo no caso do petróleo, vozes se levantaram no Congresso nacional clamando pela entrega dessa riqueza nossa à exploração de nações estrangeiras. O estado de subdesenvolvimento e de submissão em que se encontram algumas nações cujas riquezas de seu subsolo são exploradas por estranhos, não constitui exemplo bastante para esses cônsules de interesses alheios.

“A América, fundada pela política das metrópoles e pela cobiça dos colonizadores, possui uma grande força civilizadora: a falta de tradições e de instituições aristocráticas, espírito de hierarquia, de tendências para a disciplina e para a autoridade; e traz, como um vício orgânico, uma fonte provável de ruínas e de desordens futuras: a vasta propriedade territorial, a exploração senhorial da terra, o estímulo de intensa exploração, que animou seus primeiros habitantes e anima os de hoje.” (14)

Tôrres nos dá essa visão da América, para mostrar como o campo se oferece propício à implantação de teorias sociais próprias, que, fazendo uso dos elementos de força civilizadora nela existentes, possam contrastar com os vícios oriundos do sistema de colonização, e, dêsse conflito, surgirem diretrizes capazes de imprimir um ritmo de progresso mais acelerado para as nações americanas. A ausência de castas e classes nobiliárquicas estratificadas, permite a modelagem de uma sociedade democrática, sem as lutas e os choques verificados em outros continentes. Por outro lado, o sistema latifundiário, que Tôrres aponta como uma fonte de ruínas e de desordens futuras, o que já começa a se verificar no Brasil com a resistência oferecida à reforma agrária, seria facilmente modificado se a nossa sociedade se houvesse formado de modo a compreender melhor as modernas exigências sociais e econômicas.

“Mas, — diz Tôrres — os homens de saber e os homens de governo preferiram divagar, nos cenáculos literários e nas academias, repetindo, em nosso meio novo e virgem de estudo, os mesmos debates, as mesmas pesquisas curiosas, as mesmas teses teóricas dalém-mar.” (15)

E, enquanto isto, ficamos entregues a espíritos práticos que, na falta de uma política corretiva, fundaram entre nós uma vida fictícia, onde passaram a prevalecer os feudos argentários, a especulação desenfreada, a suserania dos falsos capitães de indústria e de negócio. Continuamos presos nas mãos dos magnatas que, aparentemente de fora, são, na realidade, os verdadeiros condutores das diretrizes governamentais; e, de tal forma essa influência se vem acentuando, que já passaram a financiar abertamente certas ambições eleitorais, e depois vêm se cobrar com juros das despesas efetuadas, na posse de altos cargos públicos. Dessa forma, retida nas mãos de peque-

nos grupos financeiros, a nossa política vem girando em torno dos homens ricos e se realizando em função deles.

Não compreenderam, ainda, os nossos homens de governo que não são os homens ricos que fazem as nações; e que as sociedades são uma decorrência das riquezas acumuladas: as nações como as sociedades são produto do trabalho, vivem pelo trabalho; portanto, de que se precisa é preparar homens para o trabalho, substituindo-se as artimanhas cerebrinas pelo manejo hábil e proveitoso das mãos.

Não será demais transcrever aqui um trecho do discurso proferido por esse que, no dizer de Humberto de Campos, foi “o legítimo cavalheiro da beleza, da Justiça e da Liberdade”, quando, num comício no Campo das Princesas, exaltou a valia do trabalho manual para a grandeza das nações. Foi assim que Joaquim Nabuco se expressou:

“Se eu tivesse que escolher uma classe com a qual devesse identificar a minha candidatura, não procuraria nem os proprietários de solo a quem chamam a lavoura; nem os descontadores de safras, a quem chamam o comércio; nem os empregados públicos, que representam a enfermidade social por excelência; nem as profissões científicas, que formam uma aristocracia intelectual, grande demais para um povo tão oprimido como o nosso; escolheria, sim, o insignificante, o obscuro, o desprezado elemento operário, porque está nele o germe do futuro da nossa pátria; porque o trabalho manual, somente o trabalho manual, dá força, vida, dignidade a um povo.” (JOAQUIM NABUCO — OSCAR MENDES — in “Cultura n.º 5” — M.E.C. — 1953).

O que inspirava Nabuco, ao proferir aquelas palavras, não era nenhum sentimento rasteiro, demagógico, ditado unicamente pela cobiça do poder pelo poder; “minha ambição — disse êle — foi toda em política de ordem puramente intelectual, como a do orador, do poeta, do escritor, do reformador”.

Ao declarar, em praça pública, com quais elementos êle preferiria identificar sua candidatura; e, ao exaltar o valor real das classes obreiras, sabia Nabuco que estava elevando uma classe que, naquela época, não representava nenhum peso na balança eleitoral. Daí, a sinceridade de suas palavras e a honestidade com que indicava o rumo certo a seguir.

Como fecho das considerações de Alberto Tôrres sobre o problema da transplantação do ponto de vista geral, isto é, de sua influência na contextura da nossa organização, mister se faz a transcrição do seguinte trecho:

“Pairando na região ideológica dos grandes princípios para os quais pensamos caminhar visando-os em sua vaga generalidade e tentando transformá-los, de chôfre, integral e automaticamente, em realidades — vivemos numa contínua oscilação entre operações e reformas que não nascem da própria célula germinal, natural e oportuna, para desenvolverem-se de embrião em organismo e de organismo em ser adulto, mas surgem, pelo contrário, como por encanto, do consórcio da ambição, quase sempre nobre, dos homens públicos com as teorias do último livro lido ou da escola em voga, para ruírem por terra dentro em pouco, por inadaptaíveis e inoportunas.” (16)

(14) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 98, Ed. 1914.

(15) *Idem*.

(16) *A Organização Nacional* — pág. 35, Ed. 1933.

A célula germinal das reformas está na observância das matrizes do direito público costumeiro ou cultural do povo-massa. Para que as reformas se possam desenvolver de embrião em ser adulto é necessário, antes de tudo, que não se proponham a oferecer um impacto direto contra os padrões de cultura, as peculiaridades, os costumes, os hábitos das sociedades a que se pretende aplicá-las. Por outro lado, para que o mecanismo das reformas possa funcionar corretamente, é preciso a existência de um povo organizado, consciente de seu valor e da sua responsabilidade nos destinos de sua pátria. Num país como o nosso, de povo inexperiente e desarticulado, é função precípua dos governos dar-lhe forma e cristalização. Todavia, o que tem interessado aos nossos políticos, é manter êsse estado de inconsciência nacional por ser terreno propício ao alastramento da erva daninha da ambição do poder pelo poder.

O estudo das funções do Estado e do seu mecanismo à luz da experiência e da observação, como determina o método experimental preconizado por Jacobsenn, é coisa — como diz Oliveira Viana — que nunca se fez entre nós. No Brasil, as reformas são idealizadas e aplicadas, de cima para baixo, sem a mínima consulta às nossas premissas comunitárias. Quando sobrevém o fracasso, o que acontece fatalmente, passa-se a cuidar de uma nova reforma; e, assim, se vão elas renovando indefinidamente e indefinidamente fracassando porque, segundo os reformadores, a deficiência está nos homens quando de fato ela reside, integralmente, no sistema praticado.

Nos países supercivilizados, o mecanismo das reformas funciona de maneira diversa. Na Inglaterra, conforme a descrição de Taine em suas "Notas sobre a Inglaterra", o processo é o seguinte:

"Um homem tem, ali, uma idéia boa; comunica-a aos seus amigos; alguns dêles a julgam boa também. Cotizam-se, dão publicidade à idéia, procuram atrair para ela simpatias e auxílios. As simpatias aparecem, os auxílios também — e a publicidade aumenta. A bola de neve vai crescendo; bate às portas do Parlamento, fá-las entreabrir-se; acaba por abri-las inteiramente ou, mesmo, por arrombá-las. E' êste o mecanismo das reformas. E' assim que os inglêses cuidam de seus próprios interesses."

Mas, não quer isto dizer que, na Inglaterra, qualquer idéia invada o Parlamento e se torne em reforma.

"E' preciso dizer que, — continua Taine — por tôda Inglaterra há bolazinhas de neve caminhando para tornarem-se bolas. Muitas delas se chocam umas contra as outras ou se fundem em caminho; mas, dos destroços delas se formam sempre novas bolas — e é um belo espetáculo o que nos dão os formigueiros humanos em empurrá-las para diante."

Obedecendo a um mecanismo dessa natureza, compreende-se, que, num país como a Inglaterra, ao se levar a efeito uma reforma, é porque ela consulta, de fato, os interesses do povo.

SUMÁRIO DO CAPÍTULO III — *Influência da transplantação na formação intelectual do brasileiro. — Fatores que concorreram para a efetivação desse fenômeno. — A falta de uma civilização local na época do descobri-*

mento. — O aparecimento da imprensa no Brasil. — O aparecimento de escolas superiores em nosso país. — O complexo da erudição. — Influência do pensamento estrangeiro na condução intelectual do brasileiro. — Sabedoria de superfície. — A influência da literatura francesa. — Reação contra a atitude consular de adoção e prática de idéias alheias.

CAPÍTULO III

ALBERTO TÔRRES E A INFLUÊNCIA DA TRANSPLANTAÇÃO NA FORMAÇÃO INTELECTUAL DO BRASILEIRO

Indiscutivelmente é na formação intelectual do brasileiro, onde vamos encontrar, com maior incidência, o influxo exogênico, irradiando-se, daí, para as demais províncias da nossa formação geral, por fôrça de um consenso unânime da excelência de tudo que nos vem de fora.

Vários fatores concorreram para a efetivação desse fenômeno, desde as matrizes da colonização; e, dado a ataraxia inconsciente no nosso povo, as influências deixadas por tais fatores lograram se estender até nossos dias.

Inicialmente, como base dessa formação intelectual exógena, está o fato de que o Brasil, ao ser descoberto, não possuía, como aconteceu no México e no Peru, uma civilização organizada. Nosso território era habitado por um povo selvagem, de desenvolvimento intelectual dos mais rudimentares. Portanto, ao aqui chegar, o invasor nada encontrou que pudesse senão obstar, pelo menos atenuar a transplantação dos elementos de cuja ação se iniciou, propriamente, a formação intelectual do brasileiro. Dêsse fato, decorreu todo o processo de organização e fundação de nossas elites intelectuais.

A instrução ministrada pelos jesuítas fez surgir do seio da sociedade colonial uma nova categoria social — a dos intelectuais. Essa mocidade, concluídos os estudos preliminares, dirigia-se para Coimbra à cata do diploma de bacharel que lhes facilitava o ingresso à classe nobre pelos cargos de govêrno. Portadores de uma formação intelectual puramente literária, onde a preocupação do estilo e da forma substituíam a da técnica e da ação, êsses moços, locupletados nos cargos governamentais, constituíam uma classe de letrados, sem a mínima noção objetiva das necessidades nacionais, flutuante, estranha ao meio social, "uma elite intelectual de importação." (17)

E' sabido que um dos fatores preponderantes na formação intelectual de um povo é a imprensa. Nesse particular, também fomos sacrificados pela conjuntura política que a Europa apresentava. Enquanto no México, já em 1535, era comum a impressão de livros, instalando-se naquela

cidade, em 1539; a oficina do lombardo Giovanni Paoli, agente do impressor alemão João Cronberger, sediado em Sevilha; enquanto em 1584 Lima era autorizada a instalar oficina impressora; no Brasil, só em 1747, surgiu a primeira oficina gráfica, de propriedade de Antônio Isidoro da Fonseca, que logo em seguida foi fechada por ordem real. (18)

Havia na época um verdadeiro pavor aos livros e aos panfletos, pois, a esses elementos de intelectualização das massas é que se atribuíam tôdas as conseqüências desastrosas que a Revolução Francesa trouxera para a classe nobre. Devido a isso, a administração lusitana opunha os maiores entraves ao desenvolvimento da cultura intelectual no Brasil, com receio de que as novas idéias circulantes na Europa, em aqui chegando, pudessem colocar em risco a estabilidade de seu domínio.

Só no início do século XIX, com a vinda da côrte portuguesa para o Brasil, é que a imprensa foi introduzida definitivamente em nosso país, mas, devidamente cercada das necessárias cautelas. Porém, a esta altura, já contávamos dois séculos e meio de existência, durante os quais várias gerações se haviam sucedido.

No decorrer dêsse enorme espaço de tempo, a inteligência brasileira se tinha nutrido de leituras importadas, primeiramente de Portugal, depois da Alemanha e da Inglaterra e, principalmente, da França, na qual se abeberava de coisas completamente estranhas ao nosso país e sem nenhum sentido capaz de despertar interêsse pelos problemas nacionais. Era um suprimento puramente intelectual para gáudio das nossas elites de letrados.

A par disso, enquanto a mocidade peruana ingressava na Universidade de Lima, fundada em 1551; a mexicana na Universidade criada na cidade do México, no mesmo ano, cujos cursos se iniciaram em 1553, os moços brasileiros continuavam a freqüentar as escolas européias, (19) donde voltavam impregnados dos princípios, das idéias, das teorias em moda nos centros intelectuais de países multisseculares, na presunção de poderem aplicar seus conhecimentos, integralmente, no Brasil.

Se, de princípio, era regra entre os colonos abastados do Brasil, mandar o segundo filho a doutorar-se na Europa, já que ao primeiro cabia suceder ao patriarca, devido a lei que dava ao primogênito a sucessão integral, mesmo depois de instaladas as primeiras escolas superiores em território brasileiro, a situação não sofreu alteração: passou a ser demonstração de poderio econômico,

o mandarem-se os filhos a educar na Europa. Devido a isso é que, como salienta Alberto Tôrres, "a inspiração reflexa da arte européia e o pensamento de empréstimo tiram aos que falam à nossa sociedade todo o prestígio eficaz: sente-se em quase tôda a obra espiritual dos nossos homens de letras e de ciência, a tendência subalterna de espíritos não educados para compreender e para aplicar: cérebros oberados de idéias, de fórmulas e de imagens, senão de todo alheias, de inspiração e de feito alheios." (20)

No Brasil, até bem pouco tempo, qualquer produção intelectual, seja literária ou científica, para alcançar algum sucesso ou mesmo merecer o olhar enfadado dos nossos intelectuais, terá não só que citar como transcrever páginas e páginas de autores estrangeiros. E mais: a transcrição, para dar maior ênfase ao grau de erudição do autor nacional, tem que ser feita na língua vernácula do autor alienígena. Os pensamentos, que se poderia supor bem formados com os termos simples de que a inteligência se vale ao formulá-los, quando passados para o papel se apresentam como verdadeiros monstros tal o rebuscamento estilístico, a preocupação da palavra difícil, empolada. Quando se sabe que Machado de Assis fez uso de apenas oitocentas palavras, aproximadamente, para compor tôda sua obra monumental, é que se pode avaliar o quanto vai de distância entre um espírito genial e as inteligências medíocres.

"Enquanto recebíamos de Portugal a literatura romântica, da primeira fase, e, renovando o impulso de autonomia intelectual, iniciado nos tempos de colônia, tentávamos, com Joaquim Manoel de Macedo, Bernardo Guimarães, Luiz Guimarães Júnior, José de Alencar, e, depois com Machado de Assis, refletir a própria imagem e a emoção da nossa terra e das nossas almas nas obras literárias não aprendemos a maldizer das nossas coisas; mas, quando o naturalismo francês e português começou a circular, e, impotentes, quase todos, para assimilar a grave filosofia emancipada do século, começamos a ingerir-lhe os bosquejos e interpretação, que nos supriam jornais e revistas, assim como filosofias bizarras e destruidoras, o contágio pessimista acirrou a severidade dos escritores, excitada pela consciência do realce intelectual numa sociedade quase inculta, em sentenças de desespero e inexorável condenação." (21)

Esse comportamento descrito por Tôrres revela a irresponsabilidade dos nossos homens capazes de influir, com suas idéias, no pensamento da "massa", (22) no sentido de alertá-la para a realidade brasileira. Se num país quase inculto como o nosso, as elites intelectuais, ao invés de conduzir o espírito público no senso da construtividade, do trabalho efetivo e do progresso real, trata de difundir, por questão de realce intelectual, idéias destruidoras, eivadas de pessimismo e de desencantos, é natural que o povo, inoculado pelo veneno expelido por essas víboras da palavra escrita ou falada vá, a pouco e pouco, desesperando-se

(18) *A Imprensa no Período Colonial* — ALEXANDRE PASSOS — Ed. do M.E.C.

(19) *Raízes do Brasil* — SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA.

(20) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 113.

(21) *O Problema Nacional Brasileiro* — Ed. 1914.

(22) Tome-se, aqui, a expressão "massa", no sentido que lhe empresta GURVITCH. *Sociologia Jurídica* — página 241, ed. nacional.

e desinteressando-se, num ceticismo sem explicação e sem apoio material, em contribuir para o alicerçamento da nação. Ainda hoje, nos núcleos de administração pública do Brasil, ao ouvir-se as opiniões dos que regressam das escolas de especialização norte-americanas, o que se nota é esse mesmo pessimismo, esse mesmo desencanto com relação às coisas nossas.

“O romantismo e o demagogismo da França — credo de melancolia e de ceticismo, um, e simples anelo de entusiasmo reformador, o outro, foram, súbito, deslocados pelo realismo e pela confusão científica, filosófica e política espalhada pelo surto do evolucionismo e do positivismo e pelo estudo e crítica das teorias liberais. Ao positivismo, forte pela união, e pela integridade de consciência que sugere aos espíritos, as outras escolas não juntaram nenhuma fundação estável. Tudo isso deu às inteligências, quase em branco, do nosso país sem cultura, essa atitude de erudição vacilante e de dialética negativa, sempre de objeção em riste, em que idéias filosóficas e leis científicas, temas de artigos e discursos, confundem-se nas memórias com provérbios e noções populares, correntes como moeda de trôco, e fatos, coisas e dados concretos, baralham-se com anedotas, imagens e ficções.” (23)

A literatura de um país é reflexo de uma era, de uma época ou de um instante que esse país atravessa na sua trajetória histórica. Portanto, com exclusão dos princípios e axiomas científicos de ordem natural, não sujeitos a transformações momentâneas como acontece com os de ordem política, econômica e social, querer se valer das idéias de um povo no pressuposto de poder aplicá-las a outro é querer — como já fizeram alguns patrícios nossos — adaptar locomotivas de bitola larga em linha férrea de bitola estreita: não se ajustam. As idéias não se podem divorciar completamente das matrizes culturais de um povo, sob pena de não serem assimiladas. Se colhidas fora, para serem utilizadas têm que ser submetidas a um processo de adaptação aos pródromos sociais e econômicos existentes no meio onde se pretendia adotá-las.

Não é através da leitura de jornais e de revista, como mencionou Tôrres, que se chega a adquirir conhecimento sólido; os jornais são veículos de noticiário ligeiro, cotidiano, sobre os fatos do dia, que de nenhum modo podem contribuir para alicerçar conhecimento algum. As revistas, literárias, científicas ou técnicas, têm por finalidade expor as últimas teorias ou derradeiros princípios mas, pelas suas próprias naturezas, não se aprofundam em tarefas de pesquisa capazes de fornecer elementos definitivos: são sentinelas avançadas que dão o grito de alerta; cuidam, apenas, de apresentar com ligeiros detalhes e alguns comentários, a matéria nova, ou de aduzir alguma notícia sobre a última interpretação surgida para matéria conhecida. Conhecimento sólido,

saber maciço, só se consegue pelo estudo e pela reflexão constantes.

A influência da literatura francesa na formação mental brasileira, deixou sulcos profundos e muito contribuiu para um perdularismo de tempo e de esforços, que prejudicou sobremaneira a formação de uma corrente mais volumosa e coesa de pensadores dedicados ao estudo e análise do material oferecido pelo Brasil.

Diz Tôrres que

“a influência mental da França fazia-nos repetir, por símbolo de nossa psicose (processo psíquico), e alvo de nossas aspirações, a angústia e as dúvidas de um povo, desordenado pela ruína de instituições seculares, e indeciso na escolha de novas fórmulas.” (24)

Essas descrenças e desilusões de povos antigos que os nossos intelectuais insistiam em difundir no Brasil, foi um dos processos de imitação que Alberto Tôrres mais condenou e combateu. Não compreendia êle como se poderia tentar a adoção, num país novo, cheio de viço, com uma sociedade ainda por se formar, a espera de ordem e cristalização, de idéias desesperadas, oriundas de mentes cansadas pelo esforço contínuo na procura de uma forma de equilíbrio social, praticamente inexistente. Mas, as frases cétricas das literaturas estrangeiras “tomaram máscaras de juízo sobre as nossas coisas”.

Mas, esse ceticismo sobre as coisas nossas, de que se imbuía a mocidade brasileira ao retornar das escolas de Coimbra, de Montpellier ou de Paris, deu causa a certos movimentos de ordem política e social que de muito contribuíram para acelerar o movimento de emancipação da colônia. O choque de idéias entre pais e filhos, entre bacharéis e senhores de engenho, fêz surgir na sociedade tacanha de colônia uma nova mentalidade de liberdades, de responsabilidades, de direitos e deveres. Sentados lado a lado nas escolas européias, filhos e netos de mascates e descendentes das mais poderosas famílias de senhores de terras, ao regressarem ao Brasil, valorizados pelo saber idêntico, trazendo nos dedos o mesmo anel de grau, já não mais podiam compreender a diferenciação de classes que afastavam seus pais e avós.

Em “A Cultura Brasileira” diz Fernando de Azevedo que “esses novos bacharéis e clérigos, com seu prestígio crescente na sociedade colonial e com sua mentalidade nova, romântica e revolucionária, marcavam o triunfo político não só do homem da cidade sobre a gente do campo, mas da Colônia contra a Metrôpole, dos ideais republicanos sobre as tendências monárquicas de portugueses proprietários de terras.”

(23) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 13 — Ed. 1914.

(24) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 14, Ed. 1914.

Gilberto Freyre atribui à ação de bacharéis e de clérigos — “pelo menos de clérigos que eram uns bacharéis de batina” — todo o movimento da Inconfidência Mineira, bem como as revoluções pernambucanas de 1817 e de 1824, “preparadas por homens do século XVIII”.

Partindo da premissa de que somos um povo inteligente, e que buscamos ansiosamente alcançar o mesmo nível mental de povos altamente civilizados, é preciso que saibamos nos conduzir, a fim de evitar que nos transformemos em simples cópias dos pensamentos dêesses povos; vejamos o que nos aconselha Alberto Tôrres:

“A nossa curiosidade intelectual e o nosso interesse por assimilar produções e estudos alheios, a nossa aspiração de fusão na sociedade mental da nossa época, devem conduzir-nos a dilatar o círculo de nossas colheitas de

saber, substituindo a atitude passiva, que nos tem trazido a receber as idéias que nos exporta o acaso ou o instinto político, de outros povos, por um trabalho autônomo de escolha e seleção conscientes.” (25)

E' indiscutível que de alguns anos para cá se vem verificando uma nova tomada de posição por parte do pensamento brasileiro. A pouco e pouco as nossas elites intelectuais se estão libertando da influência das idéias que nos exporta o acaso ou “o instinto político” de outros povos, voltando-se, com maior senso de realidade, para o estudo prático da realidade brasileira. Assim, o que se vem verificando é o surgimento de uma nova fase, na qual a autenticidade está substituindo o ficticiosismo.

(continua)

(25) *O Problema Nacional Brasileiro* — pág. 7, Ed. 1914.